# Marco atingido

*A safra 2000/01 deve chegar enfim à produção de mais de 90 milhões de toneladas de grãos*

**ANDRÉ PESSÔA E ERALDO FIORE**

O fato de a safra brasileira de grãos em 1999/2000 ter ficado em torno de 82 milhões de toneladas ainda pode ser considerado positivo, tendo em vista os diversos problemas climáticos enfrentados: a forte estiagem, que atrasou o plantio das lavouras de verão nas regiões Sul e Sudeste e castigou também a safrinha de milho nos estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul; fortes geadas que em julho e agosto dizimaram o trigo e o que restava de milho safrinha no Paraná.

Sem esses problemas, a safra 1999/2000 poderia ter alcançado 86 a 87 milhões de toneladas. Contribuiu decisivamente para esse quadro positivo a regularização do regime de chuvas na região Nordeste, o que significou pelo menos 2 milhões de toneladas a mais.

## Desempenhos razoáveis

As perspectivas para a safra de grãos 2000/01 devem levar em conta que a agricultura contou quase sempre com um bom volume de grãos para comercializar ao longo de 2000, e que os mercados das principais lavouras geradoras de caixa (soja, milho e cana-de-açúcar) demostraram desempenho pelo menos razoável.

No caso da soja, entre fevereiro e maio de 2000 os preços em dólar estiveram bem melhores do que de fevereiro a maio do ano passado (entre 15 e 20% maiores). Depois de junho, os preços caíram de forma expressiva. Ainda assim, em média não ficaram em patamares menores do que os de 1999 no mesmo período.

No caso do milho, a continuidade do quadro de escassez nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste e a melhor liquidez – conseqüência direta da queda da taxa de juros de 45% a.a. na colheita de 1999 para 19% a.a. na colheita de 2000 – garantiram um ótimo ano para a comercialização e boa rentabilidade para os produtores, principalmente os de produtividade mais elevada.

Quanto à cana-de-açúcar, a forte estiagem que castigou o Centro-Sul do país no segundo semestre de 1999 e no primeiro de 2000 reduziu a produção em cerca de 50 milhões de toneladas. Mesmo com o bom desempenho da safra nordestina (beneficiada pelas chuvas), a disponibilidade de matéria-prima para usinas e destilarias foi severamente reduzida, promovendo uma disparada de preços de açúcar, álcool e principalmente da cana.

Pode-se somar a esse quadro o fato de que a pecuária de corte vem atravessando outro ano muito bom em termos de rentabilidade, o terceiro consecutivo, o que contribui e muito para reforçar o caixa daqueles produtores que se envolvem simultaneamente com agricultura e pecuária.

## Menos crescimento, mais liquidez

Embora o crescimento de 2000/1999 (4,5%) seja menor que o verificado em 1999/1998 (11,9%), o resultado para os produtores foi melhor em 2000, do ponto de vista da liquidez.

Em 1999, além do forte crescimento da renda nominal, a elevação ainda maior nos custos de produção anulou na maioria das lavouras – e até superou em algumas – o crescimento de renda.

Dos principais itens do custo de produção das principais lavouras em 2000, o único que sofreu elevação significativa foi o óleo diesel. Embora isso tenha colaborado para deixar a relação de troca em 2000 sem crescimento, o resultado em termos de poder de compra ainda é de crescimento em relação a 1999, graças ao bom desempenho da produtividade.

Ainda não será possível retornar aos patamares alcançados em 1998, mas pelo menos reverte-se a tendência de queda de 1999, quando os mercados de insumos sofreram queda nas suas vendas decorrentes do menor poder de compra.

## Pagando as contas

Em relação à disponibilidade de crédito, embora ainda muito longe da ideal, a situação também melhorou um pouco por dois motivos fundamentais: adimplência maior e queda na taxa de juros.

Com a melhoria da liquidez e da geração de caixa, os agricultores voltaram a pagar suas contas sem atraso, tanto aos fornecedores quanto aos bancos financiadores, principalmente o

**Lavouras selecionadas: comportamento esperado para as safras 1999-2000 e 2000-2001**

| | Área plantada (MM ha) | | | Produção (MM t) | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1999/00 | 2000/01 | Var. % | 1999/00 | 2000/01 | Var. % |
| Arroz | 3,7 | 3,4 | -6,9 | 10,9 | 10,2 | -6,4 |
| Algodão | 0,8 | 1,0 | 20,8 | 1,8 | 2,3 | 25,9 |
| Feijão | 4,4 | 4,4 | 2,0 | 3,1 | 3,0 | -3,8 |
| Milho | 12,6 | 13,3 | 5,8 | 31,5 | 37,6 | 19,5 |
| Soja | 13,5 | 13,4 | -1,0 | 31,8 | 33,1 | 4,3 |
| Trigo | 1,5 | 1,5 | 2,4 | 2,0 | 2,8 | 42,8 |
| Outros | 1,3 | 1,4 | 7,9 | 1,5 | 2,1 | 39,9 |
| Total grãos | 37,7 | 38,5 | 2,0 | 82,5 | 91,1 | 10,4 |

Fontes: Para 1999/00, IBGE. Para 2000, estimativas da Agroconsult.

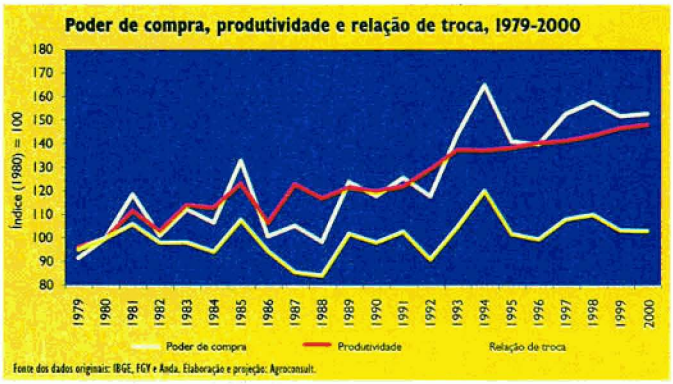
**Renda nominal das lavouras e da pecuária, 1998-2000**

| Grupos | Renda 1998 | Renda 1999 | Renda 2000 | Var % 99/98 | Var % 00/99 | Var. abs. 00/99 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Lavouras | 28,2 | 31,6 | 33,0 | 11,9 | 4,5 | 1,4 |
| Pecuária | 20,8 | 25,2 | 29,1 | 20,7 | 15,6 | 3,9 |
| Total | 49,0 | 56,7 | 62,0 | 15,6 | 9,4 | 5,3 |

Fontes: 1998 e 99, informações do IBGE e FGV. Para 2000, estimativas da Agroconsult.

Banco do Brasil.

A queda na taxa de juros promove dois efeitos: torna mais competitivo o mercado de oferta de crédito entre fornecedores de insumos e *tradings* e aumenta a quantidade de recursos atrelados à equalização de taxas de juros, pois o *spread* entre o custo de captação e a taxa de empréstimo diminui. Ou seja, com os mesmos R$500 milhões para equalização, pode-se equalizar mais que os R$6 bilhões de 1999.




Outro aspecto importante a ser considerado nas perspectivas do plantio da safra 2000/2001 é a sensível melhoria nas estratégias de comercialização dos agricultores na temporada 1999/2000.

Boa parte da soja foi vendida logo após a colheita, no exato momento em que os preços permitiam uma boa relação de troca com os principais insumos, que em geral reduzem seus preços nesse período. O fato de as entregas de fertilizantes terem fechado o primeiro semestre 45% acima do mesmo período em 1999 é um bom indicativo dessa melhor performance na comercialização.

## Mais tecnologia

Tudo leva à expectativa de progressos no uso de tecnologia para a próxima safra de grãos. A forte procura por sementes melhoradas (particularmente de milho) e a provável quebra de recorde na venda de fertilizantes são indicativos dessa tendência.

A Agroconsult estima um crescimento entre 15 e 18% na venda de sementes, de 10 a 12% na venda de fertilizantes e de 5 a 8% na venda de defensivos.

Considerando-se a provável normalização das condições climáticas em todas as regiões produtoras de grãos do país, espera-se uma evolução da área plantada em torno de 2,4% e um crescimento da produção nacional de grãos para 91,1 milhões de toneladas.

## Soja: área menor

Espera-se uma redução de área plantada com soja em todos os estados das regiões Sul e Sudeste, onde deve haver cessão de área para a lavoura de milho. No Centro-Oeste deve-se manter relativa estabilidade nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal e crescimento de área apenas no Mato Grosso. Também devem crescer as áreas de soja em Tocantins, Maranhão, Piauí e Bahia.

Em geral, espera-se um plantio de 13,4 milhões de hectares – uma queda de 1% ante os 13,6 milhões da safra 1999/2000.

A produção deve contar com nova colheita recorde, ligeiramente superior a 33 milhões de toneladas, com a recuperação da produtividade nas regiões mais afetadas pelas adversidades climáticas de 1999, como é o caso do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Bahia, uma parcela das áreas mais nobres plantadas com soja deve migrar para culturas de milho e algodão, que são mais rentáveis por área que a soja.

O principal limitador à expansão dessas lavouras nos cerrados tem sido a baixa liquidez, que, no entanto, melhorou bastante nos últimos dois anos, em particular para o milho, o que estimula alguns produtores de soja a mudar de lavoura na safra 2000/01.

### Área plantada não cai

Três condições no entanto devem ser atendidas para que tal migração ocorra: as terras têm que apresentar fertilidade alta e equilibrada, para garantir que a produtividade seja elevada em quaisquer das lavouras escolhidas; o produtor deve possuir boa disponibilidade de recursos em caixa, já que as lavouras de milho e principalmente as de algodão são mais caras por hectare que a soja; e por último, é necessário ter equipamentos adequados para plantio e colheita de milho e algodão.

Mesmo com essa migração para algodão e milho, a área plantada com soja nesses estados não deve cair, pois o processo de abertura de novas áreas de cultivo é suficientemente vigoroso para garantir a compensação da parcela de terras que vai migrar para outras lavouras.

Vários fatores sustentam a área de soja praticamente inalterada, destacando-se a acentuada antecipação da comercialização, aproveitando bem o período entre fevereiro e maio para conseguir uma boa relação de troca com os principais insumos; a ótima produtividade alcançada nas áreas de cerrados e a tradicionalmente boa liquidez da soja.

A safra 1999/00 poderia ter alcançado 86 a 87 milhões de toneladas. Contribuiu decisivamente para esse quadro positivo a regularização do regime de chuvas na região Nordeste, que significou pelo menos 2 milhões de toneladas a mais.

### Destaque para o milho

O milho deve ser mesmo o grande destaque na safra de verão 2000/2001. Cresce cerca de 900 mil hectares na área plantada – de 9,7 para 10,6 milhões de hectares, 9,1% a mais sobre a safra 1999/2000.

Os destaques ficam por conta das regiões de alta produtividade, como os estados do Paraná, São Paulo, o Sul do Mato Grosso do Sul, Goiás e as regiões de Barreiras na Bahia e Balsas no Maranhão. A maior parte desse crescimento se dará sobre áreas em que se plantou soja ou feijão na safra passada.

Em termos relativos, o maior crescimento (24%) é esperado para o estado do Mato Grosso. Em termos absolutos, o Paraná se destaca, com crescimento de 210 mil hectares.

Mais uma vez, considerando a normalização climática, espera-se recuperação da produtividade nos estados mais afetados pela seca de 1999, o que permitiria uma colheita de 30,6 milhões de toneladas, crescimento de 9,9% sobre os 27,8 milhões de toneladas da safra 1999/2000.

O crescimento só não será maior pela limitação na disponibilidade de sementes de alto padrão tecnológico e pelo aumento recente do custo de fertilizantes nitrogenados.

O bom desempenho dos setores de carnes tanto no mercado interno – influenciado positivamente pela recuperação da economia –, quanto no externo – influenciado pelos ganhos de competitividade decorrentes da desvalorização do real –, tem contribuído para uma demanda sustentada mais firme de milho no mercado.

### Boa rentabilidade

Os preços obtidos pelos produtores nos últimos três anos possibilitam uma rentabilidade muito boa para o milho quando comparado às lavouras concorrentes.

A escassez de 1999 e a forte redução na taxa de juros em 2000 mudaram a estratégia de abastecimento dos grandes consumidores, que passaram a formar estoques de médio e longo prazos. Desse modo os preços não caem tanto durante o período de colheita, mas também não encontram espaço para crescer muito no segundo semestre.

Para a safrinha de 2001 espera-se pequena redução da área plantada, decorrente da retração do plantio de soja no Paraná na safra de verão.

No Brasil, espera-se uma redução de 120 mil hectares, ou 4%, sendo que a queda esperada é de 130 mil hectares só no Paraná – redução de 11%.

Em relação à produção, espera-se forte recuperação, alcançando cerca de 7 milhões de toneladas. Em 2000 a seca prolongada e as geadas promoveram uma redução de pelo menos 3 milhões de toneladas no Paraná, em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás.

No total da safra 2000/2001, a área plantada de milho estaria passando de 12,6 para 13,3 milhões de hectares, e a produção crescendo 19,5%, alcançando 37,6 milhões de toneladas.

Para voltar ao equilíbrio, o mercado de milho precisaria de 40 milhões de toneladas do cereal na safra 2000/2001. Ou seja, pode-se esperar mais um ano com preços remuneradores para milho, embora menores em média entre R$1,00 e 2,00 por saca que aqueles praticados em 2000.

### Rentabilidade superior

A alta produtividade das lavouras de algodão plantadas na região Centro-Oeste, sobretudo no Mato Grosso, vem garantindo aos cotonicultores rentabilidade superior às das demais culturas, mesmo quando somamos a rentabilidade de soja seguida de milho safrinha.

No Mato Grosso, por exemplo, boa parte dos produtores alcança média de R$1.000,00/ha de lucro no algodão. Esse bom desempenho econômico tem sido o principal motivo da expansão da lavoura nos cerrados.

A escala de plantio que vem sendo utilizada na região Centro-Oeste permite que muitos agricultores utilizem algodoeiras próprias, agregando valor a seu produto, além de prestar serviços a terceiros, o que os ajuda a pagar investimentos em beneficiamento de forma relativamente rápida.

### Área maior para o algodão

O financiamento das lavouras tem sido facilitado pela mudan-

ça de postura das empresas de insumos, principalmente de defensivos, que passaram a vender com prazo de safra. Por outro lado, a liquidez continua aquém do desejado, podendo melhorar a partir de 2000, caso os produtores de fato viabilizem canais de exportação.

A área plantada com algodão deve aumentar 20,8% na safra 2000/2001, o que equivale a um aumento de 170 mil hectares. Os expressivos ganhos de produtividade que as lavouras de cerrados têm alcançado devem fazer com que esse aumento na produção seja ainda maior que o aumento de área.

Espera-se acréscimo de 26% ou 470 mil toneladas de algodão em caroço. O aumento de área plantada e produção deve novamente concentrar-se no Mato Grosso, onde se espera um acréscimo de 30% na área plantada e 36% na produção.

### Arroz: problemas de importação

A área cultivada de arroz na safra 2000/2001 deve ser aproximadamente 7% inferior à da safra 1999/2000. Os baixos preços do produto em 2000 são o principal motivo da redução. As importações oriundas do Mercosul continuam sendo sério problema. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor de arroz no Brasil, a redução da área plantada deve ser ainda maior, com queda de 11% ou 110 mil hectares. Os rizicultores desse estado enfrentam problemas para a tomada de crédito, tanto junto ao setor público quanto ao privado.

Uma forte redução da área plantada também é esperada em Mato Grosso, com queda de 18,5% ou 125 mil hectares. Além dos baixos preços em 2000, a utilização de áreas de renovação de pastagens para plantio de soja reduz a necessidade de abrir áreas de cerrado utilizando-se arroz.

Em termos de produção, a queda esperada acompanha a prevista para a área, devendo ficar em 6,4%. As quedas na produção dos estados do Rio Grande do Sul e de Mato Grosso devem ser de 9,5% e 21,5% respectivamente.

### Feijão perde para o milho

Os bons preços do milho e os resultados ruins da comercialização do feijão das águas (primeira safra), em 2000, devem desfavorecer as lavouras de feijão das águas na concorrência com o milho na primavera de 2000. A área plantada de feijão das águas deve reduzir-se aproximadamente 3%. A queda esperada na produção do feijão das águas é ainda maior, cerca de 12%, pois as áreas que devem migrar para o milho são justamente as de maior produtividade.

A menor produção do feijão das águas deve elevar os preços do produto já a partir de dezembro de 2000, estimulando o plantio do feijão da seca (segunda safra). O aumento esperado na área plantada com o feijão da seca é de 10,5%; mas a produtividade não deve acompanhar esse aumento de área, e a produção deve ficar apenas 5% maior. A menor produtividade esperada para o feijão da seca, na safra 2000/01, deve-se à expectativa de que a produtividade verificada no Nordeste em 2000 dificilmente se repetirá em 2001.

Tanto a área plantada quanto a produção do feijão de inverno (terceira safra) devem aumentar sensivelmente, 19% e 16%, respectivamente. Na soma das três safras de feijão, a área plantada na temporada 2000/01 deve ser 3% maior que em 1999/00 e a produção deve cair 3,8%.

### Trigo: produção maior

A área plantada de trigo na safra 2000/01 deve aumentar 2,5%, principalmente devido ao aumento de 14,3% esperado no Rio Grande do Sul. Os triticultores gaúchos foram favorecidos pelos bons preços praticados e pela boa qualidade do trigo colhido em 2000, o que aumentou significativamente a renda.

> A continuidade do quadro de escassez de milho no Sul, Sudeste e Nordeste e a melhor liquidez – com a queda dos juros de 45% a.a. na colheita de 1999 para 19% a.a. na de 2000 – garantiram ótima comercialização e boa rentabilidade para os produtores.

No entanto, a área plantada de trigo deve recuar 4,5% no estado do Paraná. Os prejuízos devidos às geadas em 2000 e o forte estímulo de preços para que os agricultores plantem a safrinha de milho explicam o recuo de área esperado nesse estado.

Por outro lado, a recuperação da produtividade nas regiões afetadas pela geada em 2000 deve fazer com que a produção do grão aumente significativamente. A estimativa é que a produção de trigo na safra 2000/01 alcance 2,8 milhões de toneladas, um aumento de aproximadamente 43% em relação à safra de 2000.

O preço mínimo, que deve ser mantido em pelo menos R$220,00 por tonelada, é remunerador para o agricultor, que conta com boas produtividades. A remuneração deve ser garantida também pela recuperação dos preços internacionais em 2001, que deve ocorrer devido à redução dos estoques mundiais.

Pode-se esperar boa disponibilidade de alimentos no próximo ano, fator preponderante para a manutenção da queda na taxa de inflação, garantindo o processo de recuperação da massa real de salários e permitindo a continuidade da trajetória de redução da taxa de juros. Mais uma vez virá da agricultura a principal contribuição para o sucesso do Plano Real.

**André Pessôa** é engenheiro agronômo pela Universidade Federal de Viçosa e mestre em economia aplicada pela Esalq/USP; sócio-diretor da Agroconsult. **Eraldo Fiore** é engenheiro agronômo e mestre em economia aplicada pela Esalq/USP; consultor da Agroconsult.